

MADemoiselle NOUVELLE VAGUE: O EMPODERAMENTO FEMININO POR MEIO DO FIGURINO

Mademoiselle Nouvelle Vague: The female empowerment through costumes

Panciarelli, Morena; Graduada; Universidade Tecnológica Federal do Paraná,
morenapanciarelli@gmail.com

Introdução

Esta análise dedica-se ao movimento cinematográfico originado na França entre as décadas de 1950 e 1960, conhecido como *Nouvelle Vague*, que modificou o curso da história do cinema mundial. Os cineastas mais relevantes desta geração foram Jean-Luc Godard e François Truffaut, sendo o primeiro responsável por *Acosado (À bout de souffle – 1960)*.

Este filme será discutido ao longo deste artigo por trazer uma heroína livre, com a quebra da narrativa patriarcal que ocorria no cinema da época e na sociedade. O figurino, pensado como auxiliar de narrativa, induz a compreensão do espectador quanto a localização temporal, valores e transgressões da personagem.

Nouvelle Vague

A *Nouvelle Vague* foi um fenômeno cinematográfico, crítico e estético, e teve por intuito de promover novas experimentações dramáticas. De 1945 a 1954, diversas manifestações políticas, econômicas e culturais foram fomentadas pela disseminação do anticomunismo na sociedade ocidental durante o pós-guerra (VALIM, 2006, p. 197). Com a censura e a caça aos comunistas, dissolveu-se a Hollywood liberal e de visão crítica.

A partir de 1947, críticos franceses começam a apresentar uma complexa relação entre tradição e ruptura, desgastada com o cinema clássico, por causa da moralidade tradicionalista apresentada nos filmes. Esta fase de críticas estimulava a idealização de um cinema realista, jovial, que alcançasse as ruas e saísse de dentro dos estúdios, permitindo liberdade interpretativa aos

espectadores e um olhar pessoal do diretor, assim como em uma obra de arte.

A passagem da crítica à produção cinematográfica não foi brusca. 'A *Nouvelle Vague*, só adquire seu estatuto midiático no curso da temporada cinematográfica 1958-59' (MARIE, 1997, p.173). Influenciados por Alfred Hitchcock¹, os cineastas invadem as telas do cinema francês, com autenticidade de estilo, surpreendendo a todos. O Festival de Cannes de 1959 é tomado pelos, antes, críticos de cinema e agora cineastas premiados.

Está aberto o caminho para os longas-metragens com um baixíssimo custo de gravação.

Acossado – 1960

O primeiro longa-metragem de Jean-Luc Godard estreou em 1960. O filme tem como personagem principal Michel Poiccard, interpretado por Jean-Paul Belmondo, um homem que rouba um carro em Marselha e, na fuga para Paris, acaba assassinando um policial e sendo procurado por investigadores. Na capital, ele reencontra Patrícia Franchini, interpretada por Jean Seberg, uma norte-americana que anseia se tornar jornalista. Apaixonado por ela, ele tenta convencê-la a fugir para a Itália e Patrícia o trai denunciando-o às autoridades².

Acossado recebeu os prêmios de melhor diretor e melhor filme nos festivais de cinema europeus. O cineasta recebeu críticas muito positivas da academia oposicionista à Hollywood que afirmavam ter originalidade e autenticidade em suas obras.

O longa-metragem tem uma perspectiva de reportagem, com uma fotografia seca, garantindo fôlego à narrativa nas ruas parisienses. Carro-chefe da revolução estética da *Nouvelle Vague*, *Acossado* é a possibilidade de resistência poética e política à americanização. 'O filme é inteiramente editado de maneira fragmentada, ressaltando os cortes, tornando-os sensíveis ao espectador' (MASCARELO, 2006. p. 242-244).

¹ Alfred Joseph Hitchcock foi um cineasta inglês, considerado o "Mestre dos filmes de suspense", um dos mais conhecidos e populares realizadores de todos os tempos.

² Sinopse retirada do site IMBD *Breathless* – In: <<http://www.imdb.com/title/tt0053472/>> Acessado em 16.05.2015

Representação do feminino

Este filme trouxe uma revolução nas concepções de protagonistas heróicos para os espectadores da época. Michel Poiccard é um bandido procurado pela polícia e Patricia Franchisi se expressa como uma jovem liberal, com cabelos curtos e adepta de saias curtas.

Segundo Robert Stam, grande teórico do cinema atual:

O homem é condutor do veículo narrativo, sendo a mulher seu passageiro (...). Às espectadoras femininas não era reservada outra escolha senão a de identificar-se ou com o protagonista masculino ativo, ou com a antagonista feminina passiva e vitimizada. (STAM, 2003, p.196-197).

Portanto, existe esta construção em busca da libertação do feminino com personalidade, sem explorar a sexualidade ou a maternidade. Patrícia se mostra uma mulher independente, livre em busca de sua trajetória profissional como jornalista e sem preocupações com regras sociais. Uma imagem renovada do personagem feminino no cinema.

Figurino auxiliando a narrativa

A primeira cena em que Michel encontra Patrícia, ela está vendendo jornais *The Herald Tribune – New York* vestindo como uniforme uma camiseta do jornal e calça *cigarrete* preta.

Figura 1: Cena de *À bout de souffle* (<https://pinterest.com>)



As mulheres deixaram claro que não queriam abrir mão de alguns privilégios conquistados na II Guerra Mundial, como as calças. Influenciadas pelo cinema, usavam, além das saias rodadas, calças *cigarrete* 3/4, suéteres, *t-shirts*, paletós folgados e *jeans* (NERY, 2014, p.242). Ao som do rock and roll, a nova música surgida nos anos 50, a juventude norte-americana buscava sua própria tendência³.

E Patrícia caminha com sua calça numa Paris abarrotada de saias midi, revelando alguns olhares de homens e mulheres avessos à moda, ao longo das cenas. No contexto da época – início da Guerra Fria– a mulher europeia era vista como antiquada, enquanto a norte-americana, liberal.

Patrícia alimenta o papel da mulher moderna, que consome. Durante uma conversa com Michel, afirma desejar um vestido *Christian Dior* para realizar sua primeira entrevista como jornalista profissional em uma encenação livre, mostrando ainda forte influência dos anos 50.

Figura 3: Cena de Acochado (<https://pinterest.com>)



Figura 2: Imagem comparativa retirada do Pinterest (<https://pinterest.com>)



³ Informações retiradas do Almanaque da Folha

Figura 4: Cena de Acochado (<https://pinterest.com>)



Figura 5: Imagem de comparação (<https://pinterest.com>)



Classificando-o de acordo com a nomenclatura proposta por Gerard Breton (1987) apud (Castro e Costas, 2010, p. 84): o figurino é realista. Este figurino, em especial, torna-se atemporal e inspirador, sendo muito usual nos dias de hoje (sem grandes releituras, continua fiel ao que é visto no filme mesmo 56 anos depois).

Considerações finais

A *Nouvelle Vague* nasce da crítica e do enaltecimento ao cinema clássico norte americano com a cultura do pós-guerra na Europa. Dividido em duas fases: 1947 a 1959 jovens franceses se entregam a construir contestações e inovações para novos formatos de longa-metragem.

A herança da *Nouvelle Vague* transcendeu o cinema. Alçou voos maiores e tornou o que estava desgastado em jovem, propôs uma igualdade de gêneros em uma época que a disparidade dos sexos era gigantesca, mostrou uma sexualidade livre para as mulheres e immortalizou um figurino simples. Muitas portas começam a ser abertas com o estabelecimento de uma cultura juvenil, com novas possibilidades de pensar o corpo em relação à indumentária como canal de comunicação, inseridas nas transformações sociais que nos rodeiam.

Referências

ALMANAQUE da Folha. Anos 50: a época da feminilidade. In: Almanaque da Folha, 2005. São Paulo. < <http://almanaque.folha.uol.com.br/anos50.htm> >. Acesso em 16 de maio, 2015.

CASTRO, M. S. F.; COSTA, N. C. R. Figurino – o traje e a cena. Revista Iara. v. 3, n. 1, p.79 – 93, 2010.

FALA Cultura, O que é... Film Noir. In: Fala Cultura, 2015. Disponível em: <<http://falacultura.com/film-noir/>. > Acesso em: 12 de maio. 2015.

MARIE, Michel. La Nouvelle Vague, une école artistique. Tradução: Luiz Guilherme Rangei

MASCARELLI, Fernando. História do cinema mundial. Campinas: Papirus Editora, 2006.

NERY, Marie. A Evolução da Indumentária: subsídios para a criação de figurino. 2014.

STAM, Robert. Introdução à teoria do cinema. Campinas: Papirus Editora, 2000.

VALIM, Alexandre Busko. Diálogos. Revista do Departamento de História 2006, 10, DHI/PPH/UEM, v. 10 , n. 1, p. 195-220, 2006.